

A GLOBALIZAÇÃO, AS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO E A ENFERMAGEM

The Globalization, the Forms of Work Organization and the Nursing

La Globalización, las Formas de Organización del Trabajo y la Enfermería

Gláucia Valente Valadares

Lígia de Oliveira Viana

Resumo

Este estudo, na perspectiva da investigação bibliográfica, propõe uma reflexão teórica sobre a enfermagem no contexto da globalização considerando as formas de organização do trabalho, tendo como objetivos: caracterizar o fenômeno globalização, apresentar os efeitos da globalização para a organização do trabalho no mundo e analisar o impacto tendo em vista o trabalho especializado na enfermagem. O referencial teórico vinculou-se à luz das idéias de Octávio Ianni e de autores consagrados no estudo do trabalho no mundo, na saúde e na enfermagem. A globalização exige do trabalhador um conhecimento com ampla dimensão e domínio de múltiplas funções, onde exista a flexibilização dos conhecimentos frente à realidade vivenciada, operando com máximo entendimento da situação e tendo capacidade rápida de resolução de situações consideradas problemáticas. Assim, a enfermagem desponta como uma profissão que oferece grande possibilidade de crescimento no mercado de trabalho, com o incremento das especialidades, sem a perda da valorização do conhecimento holístico.

Palavras-chave: Enfermagem. Globalização. Trabalho

Abstract

This study, in the perspective of the bibliographical investigation, considers a theoretical reflection on the nursing in the context of the globalization considering the forms of organization of the work, having as objective: to characterize the phenomenon globalization, to present the effect of the globalization for the organization of the work in the world and to analyze the impact according to the work specialized in nursing. The theoretical referencial associated to the light of the ideas of Octávio Ianni and authors consecrated in the study of the work in the world, the health and the nursing. The globalization demands of the worker a knowledge with wide dimension and domain of multiple functions, where the flexibilization of the knowledge exists front to the lived deeply reality, operating with maximum agreement of the situation and having fast capacity of resolution considered problematic situations. Thus, the nursing appears as a profession that offers great possibility of growth in the work market, with the increment of the specialties, without the loss of the valuation of the holistic knowledge.

Keywords: Nursing. Globalization. Work

Resumen

Este estudio, en la perspectiva de la investigación bibliográfica, propone una reflexión tórica sobre la enermería en el contexto de la globalizacion, considerando las formas de organización del trabajo, teniendo como objetivos: caracterizar el fenomeno globalizacion; presentar los efectos en el mundo; y analizar el impacto con vistas al trabajo especializado en la enfermería. El referencial teórico se vinculó a la luz de las ideas de Octávio Ianni y de autores consagrados en el estudio del trabajo en el mundo, en la salud y en la enfermería. La globalización exige del trabajador un conocimiento con dimensión amplia y dominio de multiplas funciones, donde los conocimientos sean flexibles delante de la realid vivida, actuando con entendimiento máximo de la situación y teniendo capacidad rápida de resolución de situaciones consideradas problemáticas. Así, la enfermería surge como una profesión que ofrece posibilidad grande de crecimiento en el mercado de trabajo, con el incremento de las especialidades, sin la pérdida de la valorización del conocimiento holístico.

Palabras clave: Enfermería. Globalización. Trabajo

INTRODUÇÃO

Este estudo enfoca a enfermagem no contexto da globalização e das formas de organização do trabalho e tem como objetivos: caracterizar o fenômeno globalização, apresentar os efeitos da globalização para a organização do trabalho no mundo e analisar o impacto considerando o trabalho especializado na enfermagem.

O mundo entrou na era da globalização, que expressa um novo ciclo de expansão do capitalismo, como um modo civilizatório e de alcance mundial. Um processo de amplas proporções envolvendo nações e nacionalidades, regimes políticos, projetos nacionais, grupos e classes sociais, economias e sociedades, culturas e civilizações. Assinalando a emergência da sociedade global, onde existe um fluxo contínuo e intenso de informações que rapidamente se propaga para todo o mundo¹.

O progresso e o uso intensivo de tecnologia, baseado na microeletrônica e nos métodos de informação e de automação acarretaram, nas últimas décadas, mudanças drásticas no processo de produção e na organização do trabalho, nas relações sociais, e especialmente em termos de qualificação profissional. Foram tão rápidos e freqüentes os avanços tecnológicos, que impulsionaram os profissionais a atualizarem-se com todas as mudanças nos diferentes aspectos de sua prática, e isso incluiu os profissionais da saúde, que acabaram dando prioridade às informações com melhor proximidade às necessidades de um tipo específico de cliente.

O trabalho em saúde tem uma natureza coletiva, por que um conjunto de categorias e de indivíduos procura agir, com máxima coerência, compartilhando os conhecimentos científicos contemporâneos. Assim, destacou-se no processo de trabalho em saúde uma crescente coletivização dos agentes prestadores desses serviços, levando à intensificação do trabalho associado, realizado por diferentes tipos de profissionais em um regime de cooperação técnica, conseqüentemente apresentando uma crescente divisão do trabalho, marcada pelo aparecimento de novas especialidades, o surgimento de novas unidades de serviços e de profissionais especialistas².

A enfermagem não ficou alheia a esse processo e passou a desenvolver muitas atividades em campos considerados como pertencentes a especialidades e, em alguns casos, as enfermeiras^a tiveram os seus trabalhos considerados como sendo de natureza especializada, sendo possível a obtenção do título de especialista.

Cabe destacar que o estudo está inserido no *Núcleo de Pesquisa em Educação, Gerência e Exercício Profissional da Enfermagem do Departamento de Metodologia da Escola de Enfermagem Anna Nery*, da Universidade Fede-

ral do Rio de Janeiro, e apresenta reflexões sobre a relação da globalização com o trabalho, especialmente no que se refere à enfermagem.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo que propõe uma reflexão teórica sobre a globalização e as formas de organização do trabalho no mundo, na área da saúde, principalmente no que se refere à enfermagem.

A globalização e as formas de organização do trabalho foram analisados à luz dos pensamentos de Octávio Ianni e autores consagrados no estudo da temática proposta, que foram selecionados considerando a profundidade de suas obras.

Para o desenvolvimento do trabalho, a partir dos objetivos propostos foram realizadas: em primeiro momento, a análise textual; passando após para a análise temática; e culminando com a análise interpretativa; em que pese a relação com a realidade.

A GLOBALIZAÇÃO E O TRABALHO NO MUNDO: MUDANDO OS RUMOS DA SAÚDE E DA ENFERMAGEM

A Globalização e o trabalho no mundo

Tem-se que o mundo experimenta uma verdadeira alteração na concorrência entre as empresas, na qual torna-se obsoleta a verticalização e a produção em grande escala de produtos padronizados, deflagrando uma tendência à conglomeração das empresas, a oligopolização do mercado e à globalização financeira, que aumenta a partir dos avanços tecnológicos, intensificando a formação de blocos econômicos.

O progresso e o uso intensivo da tecnologia causaram, nas últimas duas décadas do século XX, mudanças significativas no processo produtivo. As novas tecnologias, que foram utilizadas com a intenção de superar a crise capitalista em nível internacional, vêm desde a década de 70, atingindo todo o sistema produtivo, afetando diretamente os processos de produção e de trabalho³.

Em consonância com essas idéias, está em curso um novo surto de universalização do capitalismo. O desenvolvimento do modo capitalista de produção, em forma extensiva e intensiva, toma um novo impulso, com base em novas tecnologias, na criação de novos produtos, na recriação da divisão internacional do trabalho e na mundialização dos mercados - a globalização¹.

Pode-se entender que as forças produtivas básicas, no que concerne ao capital, à tecnologia, à força de trabalho e à divisão transnacional do trabalho, ultrapassam limites geográficos, históricos e culturais, multiplicando-se, dessa forma, as articulações e as contradições.

Ainda, concordando com o autor, a nova divisão transnacional do trabalho implica na redistribuição das empresas, corporações e conglomerados, e com eles os interesses da acumulação de capital por todo o mundo. Com isso, forma-se uma cadeia mundial de cidades globais, que passam a exercer papéis cruciais na generalização das forças produtivas e relações de produção nos moldes capitalistas, assim como na polarização das estruturas globais de poder. Simultaneamente, o fordismo^b passa a combinar-se com ou ser substituído pela flexibilização dos processos de trabalho e produção, que funciona combinando produtividade, capacidade de inovação e competitividade.

A nova divisão transnacional do trabalho e produção determina outras e novas formas de organização social e técnica do trabalho, de mobilização da força de trabalho, quando se combinam trabalhadores de diferentes categorias e especialidades, com a intenção de formar o chamado trabalhador desterritorializado. Assim, o mundo parece ter-se transformado em uma imensa fábrica, cabendo, de acordo com esse autor, a metáfora, fábrica global. Uma fábrica onde se expressam e sintetizam as forças atuantes no mundo, desterritorializando coisas, gentes e idéias¹.

Nesse sentido, o mundo do trabalho viveu um processo múltiplo, especialmente nos países avançados: de um lado verificou-se uma desproletarização do trabalho industrial, fabril, nos países de capitalismo avançado. Em outras palavras, efetivou-se uma subproletarização do trabalho, decorrências das formas diversas de trabalho parcial, precário, terceirizado, subcontratado, vinculado à economia informal, ao setor de serviços, entre outros. Portanto, verificou-se uma significativa heterogeneização, complexificação e fragmentação do trabalho⁴.

Desse modo, esse mesmo autor afirma que novos processos de trabalho emergem como a flexibilização da produção. O toyotismo penetra, mescla-se ou até mesmo substitui, em vários locais, o padrão determinado pela expressão taylorismo-fordismo, que é entendido como um sistema produtivo baseado na produção em massa, redução do tempo e aumento do ritmo de trabalho, visando à intensificação das formas de produção, estruturada no trabalho parcelar e fragmentado.

Com relação ao toyotismo ou modelo japonês como também é conhecido, pode ser entendido, em resumo, como uma forma de organização do trabalho que nasce

na fábrica Toyota, no Japão, e que se caracteriza por uma produção mais heterogênea, diversificada e vinculada aos fluxos da demanda.

Dessa maneira, fundamenta-se no trabalho operário em equipe, com multivariabilidade, flexibilidade de funções, ampliação e diversificação das formas de intensificação da exploração do trabalhador. Tem como princípio o *just in time*, isto é, o melhor aproveitamento possível do tempo de produção.

É necessário enfatizar que, com o toyotismo, ocorrem muitas mutações, essas iniciadas nos anos 70 e pode-se dizer que ainda em curso, têm, entretanto, produzido mais dissensão do que consenso. As referidas mutações seriam responsáveis por uma nova forma de organização e de relação no binômio capital-trabalho, mais favorável quando comparada ao taylorismo e ao fordismo, à medida que possibilitou o advento de um trabalhador mais qualificado, participativo, multifuncional, polivalente, dotado de maior realização no espaço de trabalho⁴.

Essas transformações, presentes ou ainda a caminho, em maior ou em menor grau, dependendo diretamente de inúmeras condições econômicas, sociais, políticas, culturais, étnicas, entre outras; dos muitos países onde são aplicadas e vivenciadas, penetram fundo no operariado tradicional, acarretando mudanças consideráveis, uma verdadeira metamorfose no trabalho. Dessa maneira, destaca-se a desproletarização do trabalho industrial, fabril, manual, especialmente nos países de capitalismo avançado. Tem-se um processo intensificado de subproletarização, presente na expansão do trabalho parcial, precário e temporário.

Outro ponto de destaque é aquele referente às inovações com a microeletrônica envolvendo a automação e a robótica, a revolução microeletrônica, intensificando as possibilidades de racionalização do processo produtivo. Criam-se novas especializações e alteram-se as condições sobre a articulação com forças produtivas. Portanto, existe uma metamorfose no mundo do trabalho, variando de ramo para ramo, de universo para universo, de setor para setor, entre outros; configurando um processo contraditório que qualifica em alguns ramos e desqualifica em outros¹.

Assim, o novo paradigma da racionalização, que substitui a produção em massa, baseia-se na eficiência através da flexibilização da produção e da organização que possibilita a despadronização. Nesse caminho, aponta que o novo esquema de racionalização baseado na flexibilização da produção se direcionará para as qualidades específicas do trabalhador humano e para a qualificação e a especialização como importantes forças produtivas³.

A este ponto, infiro que será exigido do trabalhador um conhecimento com ampla dimensão, no entanto, com um aprofundamento no que refere ao seu trabalho e pro-

cesso de trabalho, além de um saber empírico proveniente de sua experiência profissional, o que, no meu entendimento, se trata de uma especialização dotada de polivalência.

O trabalho na saúde

Para iniciar a discussão, é importante considerar que o trabalho na saúde não segue a organização determinada pelo toyotismo, que se verifica quando na análise do trabalho no mundo. O que se tem, na verdade, é ainda o binômio taylorista-fordista, com características muito peculiares.

O setor saúde passou historicamente por uma série de transformações sociais e econômicas, que tiveram fortes reflexos em sua base teórica e, portanto, na magnitude do conjunto de profissionais e no processo de trabalho utilizado. Atualmente, pode-se dizer que existe uma vasta quantidade de categorias profissionais inseridas em atividades cuja última instância é o cuidar das condições de saúde das populações⁵.

Para essa autora, pode ser considerado como trabalhador de saúde todos aqueles que se inserem diretamente ou indiretamente na prestação de serviços de saúde, podendo deter ou não formação específica para o desempenho de funções atinentes ao setor. Enquanto que, profissionais de saúde são todos aqueles que, estando ou não ocupados no setor saúde, detêm formação profissional específica, capacitação prática ou acadêmica para desempenhar as atividades ligadas ao cuidado ou às ações de saúde.

As características mais relevantes do processo de trabalho em saúde é a crescente coletivização dos prestadores desse tipo de serviço, seja numa unidade isolada, seja numa série hierarquizada de unidades. Essa característica reflete mudanças definitivas na estrutura global da sociedade, tornando a saúde um dos itens mais importantes para a manutenção e ampliação da escala de produção capitalista. Esse organismo de trabalho coletivo tem uma divisão técnica de trabalho: a decomposição do processo de trabalho em tarefas isoladas e sua integração, através da hierarquia de profissionais, são o fundamento da produtividade do setor, que depende substancialmente da destreza de quem trabalha².

Seu princípio pode ser entendido da seguinte forma: na atribuição das operações mais difíceis ou complexas ao pessoal de maior qualificação, e das mais fáceis ou simples ao pessoal menos qualificado, cuja força de trabalho, portanto, pode ser comparada a um custo menor. O trabalho passa a dar-se com base na gerência administrativa de certos profissionais de nível superior, que cum-

prem funções de maior complexidade, ao mesmo tempo em que controlam, pela prescrição de normas e de supervisão, o desempenho dos demais agentes.

Com relação à absorção de novas tecnologias, abrangendo equipamentos e procedimentos na área da saúde, esse fenômeno é intenso e dinâmico. No entanto, a introdução de novas tecnologias não implica necessariamente em substituição de métodos antigos, mas abre-se nova frente de trabalho, com o oferecimento de outros serviços de maior sofisticação.

O trabalho em saúde tem uma crescente demanda de pessoal auxiliar: de um lado, na incorporação maciça de certas tecnologias aplicadas ao tratamento, diagnóstico e prevenção das doenças, requerendo uma verdadeira ampliação da divisão do trabalho em sentido horizontal, com a abertura de especialidades e com o trabalho dos especialistas; e por outro lado, na ampliação da divisão técnica do trabalho em sentido vertical, devido à redistribuição das tarefas entre pessoal de distintos níveis de qualificação, atribuindo-se as mais simples, que são as mais numerosas, ao pessoal de nível médio e elementar.

Corroborando a questão do trabalho em saúde, a especificidade e a singularidade que caracterizam esse tipo de trabalho faz com que a formação de recursos humanos para este setor mereça atenção redobrada, de modo a possibilitar a esses trabalhadores o domínio da técnica, a visão crítica do contexto social e a capacidade de pensar e agir politicamente⁶.

Ainda nesta análise, a crescente incorporação de novas tecnologias ao processo de trabalho em saúde tem como consequência o surgimento de um hiato entre o que se desenvolve de mais moderno em termos de tecnologias na área da saúde e a realidade social e sanitária de grande parcela da população, que, retomando a realidade brasileira, se encontra, excluída socialmente.

A condição de ambigüidade entre o moderno e o arcaico gera situações conflitantes e muitos desafios para que se possa estabelecer uma política coerente de pessoal para o setor saúde, onde se permita: a capacitação e a atualização da força de trabalho que responde pelas atividades de rotina normalmente demandada pela prestação de serviços; a formação de pessoas com conhecimento relativo às inovações tecnológicas; e o atendimento às novas categorias profissionais emergidas da complexificação do sistema ocupacional, que se por um lado torna algumas atividades obsoletas, por outro lado, faz surgir novas categorias profissionais⁶.

Assim, existe uma situação ímpar do Brasil, quando comparado aos países do Mercosul, que se evidencia pela diversidade das especialidades médicas e das enfermeiras. Assim, em termos do trabalho em saúde, existem

aspectos que podem ser considerados positivos no que se refere à formação e à prática cada vez mais especializada, considerando as tecnologias e o próprio mercado que conduz para essa vertente. Entretanto, também existem os aspectos negativos, tanto para os profissionais de saúde, tendo em vista a possibilidade da fragmentação do conhecimento e a perda das dimensões dos fenômenos relacionados à saúde, quanto para o próprio sistema de saúde, que acaba exigindo muitos recursos financeiros e tecnologia, tornando a saúde acessível para poucos.

O trabalho na Enfermagem

A enfermagem nasceu como um serviço organizado, nos primórdios do cristianismo, através da instituição do diaconato. A partir de então, passou a coexistir com a prática exercida no interior dos lares, em atendimento às necessidades deste ou daquele de seus membros. Entretanto, a história da enfermagem profissional tem início somente séculos mais tarde, na Inglaterra⁷.

Desde então, a enfermagem vem passando por uma série de transformações, tendo como direção para a modalidade funcional e do trabalho em equipe a divisão técnica do trabalho. Nesse sentido, buscando a compreensão da divisão técnica do trabalho, é necessária a distinção entre a divisão social do mesmo. Assim, a divisão social do trabalho divide a sociedade entre ocupações, cada qual associada a certo ramo de produção; enquanto que a divisão técnica do trabalho subdivide uma mesma ocupação em parcelas⁸.

Assim, o processo de trabalho na enfermagem apresenta a sua divisão técnica. A prática é parcelada em tarefas, procedimentos e responsabilidades diferentes, cabendo a execução parcelada entre diferentes agentes: enfermeiras, técnicos de enfermagem e auxiliares de enfermagem. Isso está ligado diretamente ao desenvolvimento da tecnologia em saúde, à procura da racionalidade dos serviços médico-hospitalares, à luta de grupos das classes sociais por ascensão na escala social através da instrução e intelectualização e à crescente divisão técnica do trabalho nas sociedades capitalistas⁹.

Dessa forma, segundo essa mesma autora, o trabalho em enfermagem não é realizado apenas pela enfermeira. Cada agente de enfermagem passou a ser um trabalhador parcial, assim como também vem ocorrendo na divisão do trabalho nas sociedades capitalistas. Assim, a divisão do trabalho de enfermagem, que consiste na distribuição de atividades, procedimentos e responsabilidades do cuidado ao cliente, por diferentes agentes da enfermagem, de acordo com a qualificação, remete à questão do trabalho manual e intelectual, que tem

como premissa que o trabalho mais intelectual é realizado pela enfermeira, enquanto o trabalho manual, subordinado, é executado pelos demais. Tem-se que todas as categorias funcionais na enfermagem estão subordinadas à enfermeira como profissional de qualificação superior.

Nesse caminho, a enfermeira busca, através do manuseio e domínio de técnicas cada vez mais complexas, revestidas de um caráter científico, o controle das demais categorias que executam o cuidado ao cliente. Isso é muito bem exemplificado considerando a Lei do Exercício Profissional N° 7.498/86, sobre o exercício de enfermagem no país, que procura distinguir e hierarquizar profissões e ocupações dentro da enfermagem.

Quanto à questão da especialização, desde algum tempo vem ocorrendo tal fenômeno na enfermagem. A partir da Resolução COFEN-100 (Conselho Federal de Enfermagem) e mais adiante da Resolução COFEN - 173, que foi criada com o intuito de definir normas para a qualificação da enfermeira como especialista, esta profissional tem sido reconhecida como tal.

Atualmente, tem-se um rápido crescimento de especialidades em enfermagem, como obstetria, enfermagem no trabalho, hemodinâmica, educação continuada, dermatologia, traumatologia, unidade de esterilização, psiquiátrica, saúde mental, cardiovascular, endoscopia, *home-care*, oftalmologia, oncologia, centro-cirúrgico, estomoterapia, nefrologia, auditoria, unidade de tratamento intensivo, gerenciamento, nutrição parenteral, terapias naturais, neonatologia, pediatria, ginecologia, saúde de família, saúde coletiva, gerontologia e geriatria, endocrinologia, aeroespacial, informática, diagnóstico por imagem, emergência, clínica cirúrgica, clínica médica, atendimento pré-hospitalar e infecção hospitalar, entre outras.

Dessa forma, num futuro bem próximo, a enfermeira que não se especializar poderá estar perdendo o seu posto no mercado de trabalho, isto porque, a cada dia, a área da saúde vem apresentando avanços tecnológicos que necessitam ser acompanhados por todos os profissionais, haja vista o impacto da globalização na área da saúde. O mercado exige muita seriedade, profissionalismo, interesse e, no mínimo, um olhar especializado para alguma área específica.

Assim, a Enfermagem desponta como uma das profissões que oferecem grandes perspectivas de crescimento e valorização no mercado de trabalho, mesmo considerando a grande crise de desemprego que assola o País. As enfermeiras vêm conquistando espaço e se firmando nas diversas áreas de atuação, principalmente naquelas onde existe o investimento em sua capacitação profissional, aumentando seus conhecimentos e buscando a especialização para aproveitar as chances de empregos surgidas no mercado de trabalho.

O mercado vem exigindo cada vez mais a enfermeira especialista, com conhecimentos atualizados nas áreas de tecnologia avançada, ou ainda, dotada de conhecimento específico. Dessa forma, o importante é que a enfermeira busque o aperfeiçoamento prezando por uma enfermagem humanizada e qualificada; sem, indubitavelmente, perder o entendimento, que por essência na enfermagem, seja qual for o seu âmbito de atuação, o ser humano é um todo singular e indivisível, e assim deve ser cuidado e respeitado.

O trabalho especializado

É importante destacar que a especialização do processo de trabalho nas sociedades modernas é fato incontestável, sobretudo em atividades com maior grau de complexidade técnico - científica. A área da saúde se enquadra nessa modalidade, e tal fenômeno se expressa na crescente especialização dos profissionais de saúde, presente em todo o mundo.

Nessa ótica de análise, preliminarmente, infiro que a tendência ao trabalho especializado, visando garantir e aumentar a eficiência na produção, se estendeu por toda a sociedade moderna e esteve relacionada diretamente com a divisão técnica do trabalho. Atualmente, tendo em vista o que se configura no mundo do trabalho, a sociedade caminha rumo ao trabalhador polivalente e multifuncional. No entanto, os serviços de saúde vêm mantendo as características da sociedade moderna e o trabalho especializado é, ainda, um fato marcante, tanto na investigação científica quanto na aplicação prática.

É importante atentar também que o setor de serviços, incluindo os serviços de saúde, é profundamente influenciado pela lógica da acumulação de capital, pela tecnologia e pelas formas de organização do trabalho utilizadas na indústria. Assim, historicamente tem em suas bases muita influência do binômio taylorista-fordista, e atualmente, também está sendo influenciado pelo uso de novos materiais, pela informática e pela microeletrônica.

Partindo desse entendimento, tomando como enfoque a questão do trabalho especializado na saúde, é importante resgatar em termos históricos que o fenômeno resultou da troca entre a globalidade do objeto da prática em saúde e a profundidade do conhecimento em suas dimensões específicas. Assim, ainda que a especialização já existisse em paradigmas anteriores, foi a partir da medicina flexneriana que realmente assumiu uma maior dimensão quantitativa e qualitativa¹⁰.

Esse mesmo autor destaca que, mesmo sem negar que o crescimento médico influenciou a especialização na

saúde, o processo, indubitavelmente, ocorreu por outras razões. Primeiramente, tendo em vista a perspectiva ideológica, em função do mecanicismo que encerrou a parcialização abstrata do objeto global, a partir de um esquema contraditório que aprofunda o conhecimento específico e que atenua o conhecimento holístico. E, segundo, numa dimensão econômica, a especialização decorreu da necessidade da acumulação de capital que exigiu a fragmentação do processo de produção e do produtor, via divisão técnica do trabalho.

A este ponto, é interessante destacar que a especialização pode ser considerada como a divisão do trabalho ou de áreas territoriais de uma comunidade ou sociedade, em determinado número de funções especializadas e, por conseguinte, inter-relacionadas¹¹.

A especialização aumenta a eficiência do operário e a quantidade e qualidade do trabalho realizado. Ainda refere, que a tendência à especialização como uma maneira de aumentar a eficiência não se dá apenas nas organizações de produção, mas também é um traço geral de nossa cultura¹¹.

Ainda sob essa visão, são muitas as vantagens do trabalho especializado, tendo em vista que, ao se reduzir o campo de atividades de um trabalhador, pode-se aumentar o seu preparo, a sua competência e sua eficiência. Porém, sobretudo, aumentam as possibilidades de integrar a sua atividade num conjunto racionalizado e estritamente controlado, conseqüentemente garantindo a autonomia nesse campo determinado.

Entretanto, com a especialização pode ocorrer a alienação do homem no trabalho, considerando a fragmentação que ela pode supor¹¹.

Corroborando esta última análise, ao atuar sobre os produtores, a especialização pode determinar: a sua compartimentalização em atividades, a hierarquização através de uma divisão de trabalho que reproduz as relações de classes da sociedade e a influência no projeto e desenvolvimento do processo de produção¹⁰.

Dessa maneira, a especialização, ao manifestar-se no campo da saúde, acentua a complementaridade entre as diversas formas de trabalho, o que cria uma dependência entre os especialistas no sentido de tentar a restauração da globalidade do objeto. Em contrapartida, dentro das profissões existem as especializações, mas a divisão do trabalho, entre especialistas do mesmo grupo corporativo, não implica necessariamente em perda do controle do processo, trata-se da divisão em áreas do conhecimento¹².

Ademais, a especialização, por força da complementaridade e da dependência, está ligada à mudança institucional de trabalho em saúde que passa a tender, progressivamente, para as formas grupais.

Em consonância com as idéias expressas com relação à especialização, o trabalho especializado aumenta o domínio e a competência num determinado campo de atuação, promovendo melhor qualidade nos serviços prestados à sociedade. Entretanto, em uma outra ótica, o processo de superespecialização pode levar cada vez mais à fragmentação do conhecimento e do processo de trabalho em que o profissional está inserido. E nesse enfoque, a autora refere que deste processo - a superespecialização - não escapou a medicina⁵.

Considerando a superespecialização, trata-se de um dos argumentos freqüentemente utilizado pelas enfermeiras, quando se contrapõe a especialização na enfermagem, com o discurso que os profissionais estão apenas se detendo nas partes, perdendo a visão do todo. No entanto, essa mesma autora afirma que a enfermagem ainda não atingiu o patamar da especialização em áreas básicas da profissão, logo, tem-se a medicina como exemplo que não deve ser seguido¹³.

São acentuadas as análises de caráter explicativo que tentam compreender o fenômeno da especialização na área da saúde. Uma das explicações correntes é que, dada a sua complexidade moderna, gerada pelo intenso desenvolvimento técnico-científico, ampliou-se muito os campos de conhecimento, e paradoxalmente, uma considerável incapacidade em seus praticantes de exercer com plenitude esse complexo e tão amplo campo de conhecimento científico. Dessa forma, tornou-se necessário um conhecimento específico e mais aprofundado em áreas mais delimitadas, conferindo assim ao especialista um determinado poder de atuação, legitimado pelo seu conhecimento aprimorado⁵.

No Brasil, outra explicação para o crescente processo de especialização foi o aumento das ofertas de serviços especializados da Previdência Social, que via nessa modalidade de atendimento maior eficiência e menor custos dos seus serviços. A Previdência Social, na década de 70 do século XX, objetivando, inicialmente, atender às reivindicações da corporação médica, promoveu a abertura de concursos públicos para médicos especialistas.

Também fomentador da adoção de serviços em saúde especializados, o setor privado passou a adotar uma política de absorção de profissionais especializados, principalmente os médicos especialistas, e a oferecer serviços altamente diferenciados, que envolviam alta resolutividade, baixo custo operacional e alta lucratividade.

É importante caracterizar que os avanços tecnológicos foram e têm sido grandes fomentadores do surgimento de novas especialidades, e até mesmo subespecialidades, através de descobertas científicas, sendo responsáveis

também pela produção incessante de novos equipamentos e técnicas sofisticadas. Dessa maneira, os especialistas relacionam-se entre si, solicitando parecer técnico ou reunindo-se para contribuir em decisões que necessitam diversas avaliações.

Assim, infiro que o fenômeno especialização tem múltiplas conseqüências para todos os envolvidos com o trabalho especializado, trata-se de um fenômeno positivo das sociedades modernas, levando os indivíduos a estabelecer relações de troca com outros indivíduos, nas quais deveria sobressair a solidariedade orgânica. Desse modo, entende-se que na especialização o trabalhador não perde de vista os seus colegas, mas age sobre eles e sofre sua ação, ou seja, a interação se dá no processo de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assiste-se no mundo inteiro à globalização, um processo de integração econômica sob a égide do neoliberalismo caracterizado pelo predomínio dos interesses financeiros, pela desregulamentação dos mercados, pelas privatizações e pelo abandono do estado de bem-estar social. Com esse fenômeno, ocorreu a expansão do capitalismo, o uso intensivo de tecnologia e a propagação rápida de informações por todo mundo.

Acompanhando a globalização, emerge no mundo o toyotismo, nova forma de organização do trabalho, onde se destaca a multivariada, flexibilidade de funções, exigindo um trabalhador qualificado, participativo, multifuncional e polivalente.

O trabalho em saúde é marcado pela direcionalidade técnica, coletivização, apresentando crescente divisão do trabalho, permanecendo o modelo taylorista-fordista, marcado pela intensa divisão do trabalho, e também a divisão técnica do trabalho. Enfoque para o rápido avanço dos conhecimentos em saúde, possibilitando o surgimento de novas profissões e especializações dentro das profissões.

A enfermagem não se apresenta diferente dessa realidade e mantém a organização sob a divisão técnica do trabalho, sendo a sua prática realizada por diferentes agentes, de acordo com a qualificação: enfermeiras, técnicos e auxiliares de enfermagem, remetendo à questão do trabalho intelectual e manual, em que o primeiro associa-se à enfermeira e o segundo para os demais.

Quanto à prática especialista na enfermagem, ocorre à expressão de um verdadeiro fenômeno, considerando o grande número de especialidades em enfermagem que apontam para a necessidade conjuntural do olhar especializado para alguma área específica, sem que se perca, de fato, e por

essência da profissão, a importância da valorização do todo.

Desse modo, o mercado de trabalho, considerando a globalização e as formas de organização do trabalho, em que pese a realidade na área da saúde, como também da enfermagem, aponta para a exigência cada vez maior de um profissional dedicado a uma área específica, dotado de polivalência, tendo domínio de múltiplas funções, capaz de correlacionar a teoria com a atividade prática.

Nesse sentido, o profissional precisa flexibilizar todos os tipos de conhecimento frente à realidade vivenciada, operando com máximo entendimento da situação e capacidade rápida de resolução de situações problemáticas⁴.

Assim, refletindo com ênfase na enfermagem: as exigências no trabalho são cada vez maiores, para um mundo cada vez mais globalizado.

Referências

- 1- Ianni O. A era do globalismo. Rio de Janeiro (RJ): Civilização Brasileira; 1997.
- 2- Nogueira RP. Planejamento de recursos humanos em saúde. Textos de Apoio, Rio de Janeiro (RJ): ENSP; 1986.
- 3- Deluiz N. Formação do trabalhador: produtividade & cidadania. Rio de Janeiro (RJ): Shape; 1995.
- 4- Antunes R. Os sentidos do trabalho. São Paulo (SP): Boitempo; 2000.
- 5- Machado MH. O mercado de trabalho em saúde no Brasil: estrutura e conjuntura. Rio de Janeiro (RJ): ENSP; 1992.
- 6- Vieira ALS, organizador. Trabalhadores em saúde em números. Rio de Janeiro (RJ): Ed FGV; 1998.
- 7- Silva GB. Enfermagem profissional: análise crítica. São Paulo (SP): Cortez; 1989.
- 8- Braverman H. Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro (RJ): Zahar; 1987.
- 9- Almeida MCP, Rocha, JSY. O saber de enfermagem e sua dimensão prática. São Paulo (SP): Cortez; 1989.
- 10- Paim JS. Medicina familiar no Brasil: movimento ideológico e ação política. Salvador (BA): [s.l.]; 1985.
- 11- Silva B. Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro (RJ): Ed.FGV; 1987.
- 12- Pires D. Reestruturação produtiva e trabalho em saúde no Brasil. São Paulo (SP): Confederação Nacional dos Trabalhadores em Segurança Social - CUT, 1998.
- 13- Andrade LFS. A complexidade do cuidado de enfermagem no CETIP/HSE e a necessidade da formação especializada das enfermeiras. [dissertação mestrado] Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ; 1999.
- 14- Valadares GV, Viana LO. O trabalho da enfermeira na triagem clínica em hemoterapia: por uma especialização. Esc Anna Nery Rev Enferm 2003 dez; 7(2): 334-41.

Notas

- A. Neste estudo, onde se lê enfermeira(s), entenda-se também enfermeiro (s)
- B. Caracterizado pela produção em série (Antunes, 2000, p. 229).

Sobre as Autoras

Gláucia Valente Valadares

Doutoranda em Enfermagem pela EEAN/ UFRJ.
Enfermeira do Hospital Universitário Pedro Ernesto.
Enfermeira do Hospital Municipal Souza Aguiar.
Professora e Coordenadora do Curso de Enfermagem - Campus AKXE da Universidade Estácio de Sá.

Ligia de Oliveira Viana

Doutora em Enfermagem.
Professora Adjunta do Departamento de Metodologia da EEAN/ UFRJ.
Membro do Núcleo de Pesquisa em Educação, Gerência e Ética da Enfermagem.

Recebido em 09/05/2004
Reapresentado em 23/02/2005
Aprovado em 16/03/2005